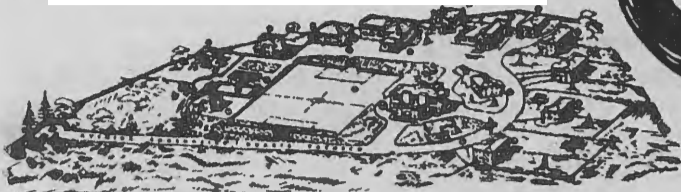




O Gaiato

15 DE JULHO DE 1967
ANO XXIV — N.º 609 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

16 de Julho

Sempre por este tempo revivo mais profundamente os últimos meses de Pai Américo. As suas últimas cartas assinou-as com este nome: **O Dilacerado**. Três anos antes confessara que, «sem haver suado sangue, sabia o gosto do martírio». E ao fechar a Festa do Coliseu em 1956, afirmou: «É o coração que mata a gente. Eu sei que mata. Mata...»

E foi o coração que o matou! Uma embolia, sim... Mas antes dela já a morte se preparava naquele dilacerar do coração, mais intenso ao aproximar-se o fim, mas dor de sempre que lhe deu a sabedoria do martírio.



Era domingo. Depois de ter levado a Palavra de Deus a três assembleias cristãs, regresssei. Os mais pequeninos rodearam-me:

— Vamos ver a Casa Mãe?

— A saltar de contentes, com a bola à frente dos pés, foi uma caminhada feliz.

Quanto a mim ia meditando no que meus olhos viam. A presença de Deus naquele lugar é palpável.

Entretanto os pequenos brincavam diante de mim. Baixinho, oiço o Manuel dizer no meio do seu grupo: «A nossa Casa Mãe». É verdade, a Casa Mãe é deles.

x x x

FESTAS — Começaram os ensaios. Começaram também a surgir algumas dificuldades. Preocupa-nos, neste momento, o problema da sala de espectáculos. Não sabemos se poderemos contar com ela na data mais conveniente. Era nosso desejo aparecer no Monumental de Benguela num dos últimos dias de Julho ou primeiros de Agosto. Seria o princípio. Depois, Lobito, Luso, Silva

Porto, Nova Lisboa, Novo Redondo e Sá da Bandeira. Contamos, este ano, poder estar com as gentes da Ganda e Cubal e regiões vizinhas. Por enquanto não podemos marcar datas. A boa vontade, assim o esperamos, e a Providência se encarregarão de resolver estes problemas iniciais.

x x x

O Evangelho é para ser vivido neste mundo. Muitos pensarão que não. Que é impossível. Vede um pedaço de Evangelho vivido no século XX. A linguagem é a mesma do Evangelho vivido nos primeiros séculos.

«Eis o produto, 6.603\$, em facturas pagas, da Colecta feita no Dia da Mãe, da Igreja de Deus que se reúne em Nossa Senhora da Arrábida, no Lobito, para o Pão da Igreja de Deus, em necessidades, da Casa do Gaiato, no Cavaco (Benguela). O Povo de Deus que se reúne ao Domingo em Nossa Senhora da Arrábida pede uma oração».

Continua na QUARTA página

Pois como havia de não ser assim?! Pelo sacerdócio não foi ele constituído, **de direito**, Pai?!

E a sua vocação específica não consumou, **de facto**, a paternidade?! Ora quando se não gera na carne nem no sangue, mas segundo o espírito, a dor do parto é tão prolongada quanto o próprio parto e este dura até ao fim de cada homem por entre as inevitáveis vicissitudes da vida que tornam a perseverança final o grande dom de Deus.

A graça própria com que o Senhor fecundou o coração de Pai Américo, unguido sacerdote — dom sagrado — fê-lo regenerador de homens. Regenerar é não apenas um repetir a geração. O prefixo também significa violência. Não se trata do «nascer de novo» como Nicodemus entendeu quando Jesus lho disse necessário para a salvação dos homens. Regenerar é endireitar os entorses fundamentais da primeira geração. É uma operação sangrenta para o que a sofre. E dilacera o coração de quem a faz, que não tem outra anestesia do

PAI AMÉRICO

CONT. NA SEGUNDA PÁGINA

Filhos ilegítimos?

Depois de «colhar a família como entidade abstrata», o legislador vai encará-la «como instituição concreta», e diz: «...Impõe-se reconhecer que, verificado o conteúdo negativo, em geral característico da filiação ilegítima, o reconhecimento aos filhos ilegítimos de direitos e obrigações semelhantes aos dos membros da família, importaria a intromissão, nesta, de pessoas que psicologicamente lhe são algo estranhas, quebrando-lhe a

unidade e intimidade sem as quais não pode subsistir».

Esta premissa que força a conclusão, é, em concreto, injusta e unilateral. Injusta porque é condenar à fatalidade do ostracismo a parte inculpada na ilegitimidade: «a pessoa algo estranha» (Vá lá que é só algo!...) Unilateral porque, por outras culpas, da parte também aqui culpada, o pai ilegítimo in re (às vezes também legítimo de iure),

introduz na família que encabeça outras quebras da unidade e da intimidade, como esta mesma, que não o é somente pela intromissão do filho que gerou ilegitimamente, mas já pelo facto de o ter gerado. Na deformação moral por que todos estamos mais ou menos atingidos, isto sente-se e soa a evidência quando a falta vem da mãe. Se é esta

Continua na QUARTA página

Cont. da PRIMEIRA pág.

que o próprio amor que lhe é possível. E se até este amor é frágil, tantas vezes, por demasiado humano!

Uma alma que passou... não passa! Fica indelévelmente escrita no livro da nossa responsabilidade. O risco do seu regresso, mesmo daquele que algum tempo ostentou o êxito da operação regeneradora, é uma inquietação real. A serenidade depende e é proporcional ao ânimo com que se reza: «Senhor, eles são mais Teus do que meus!»; e à firmeza com que se sabe que nós somos o bisturi e Deus o cirurgião que regenera, que gera de novo, mediante o corte do bisturi e a dor que ele faz, ao corrigir os erros do homem.

Divina é a vocação e a arte de regenerar. Porque divina, de preço altíssimo! Quem a pode adquirir se lhe não fôr dada?! A graça de a acei-

tar é o único mérito do homem. A correspondência perseverante importa um fluxo do coração, cuja vida é ir morrendo lentamente, qual «candeia que se consome alumando», «até ao desgastar final».

Não foi assim com Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, fonte de toda a regeneração?! Não tinha Ele dispendido todo o Seu Sangue quando a lança do soldado, atravessando-lhe o coração, revelou não haver nele senão só uma gota de água?! Como há-de ser do discípulo, se assim foi com o Mestre!

Pai Américo, dilacerado, que, sem haveres suado sangue, conheces-te o gosto do martírio e soubeste que é o coração que mata a gente, bendito sejas e bem hajjas pelo que de ti e por ti vamos aprendendo do Mistério da Regeneração do homem, que o Mestre nos ensinou com a Vida!

El abrimos a columna, com esta carta pequenina vinda de Lisboa:

«Agradecida a Deus, por ter subido de categoria, envio para uma Obra tão grande uma ajuda tão pequena 100\$.

Uma admiradora que cre na bondade dos homens!»

Migalhas também são pão. E que saborosas elas são por vezes! O Senhor nos ajude a não desperdiçá-las.

Cá vai o sobrevivente do casal R. D., com sua presença habitual de 50\$. Do Porto, 50\$. Mais o primeiro ordenado dum Aspirante do nosso exército. Lisboa com 100\$. Tomar com 70\$. Marizé com 20\$. Da capital, 400\$. Promessas de 100\$.

mentos de Lisboa. 50\$ e sapatilhas de Viana do Castelo. Mais roupas do Porto. E mais a presença sempre habitual e sempre grata da Avó de Moscavide, com a sua notinha de 50\$ e selos de correio.

Amadora com 50\$. Ass. 1940 com 500\$. B. M. com 350\$. Castelo Branco com 700\$. Mais 25\$ em selos, de Lisboa. Dafundo com 100\$. E. A. com 100\$. Alunas da Escola n.º 2 do Porto, 50\$. 40\$ de anónimo. Lisboa com 840\$, duma promoção. Mais anónimo com 240\$. Escola Primária de Lardelo Guimarães, com 293\$80. António não falta nunca, e cá vai com presenças de todos os

da. E 10 libras inglesas de Benoni, dos amigos Eduardo e Fernanda. O Senhor os ajude, por tão longe terra.

Mais de Aveiro, 20\$ caladinhos. 100\$ dos «Estrelas de S. Diniz». Por intermédio de «O Comércio do Porto», 1.750\$ total de donativos ali recebidos e com destino à Casa do Gaiato. 50\$ do Porto. Foz do Douro com 50\$00. M. R. com 150\$. 50\$ e 2 pneus usados, de Paranhos da Beira. Ass. 7493 com 500\$. Amadora aparece mensalmente com 75\$ em selos. 500\$ do pessoal médico e de enfermagem do Posto das Caixas de Previdência da Rua D. João V. Mais 2 dolares de

Do que nós necessitamos

50\$, 100\$, 20\$, 100\$, 100\$ e 250\$. Do Porto, 100\$ e 120\$. Maria com 50\$. Para os nossos Pobres, 500\$00. Mais a presença amiga do Sr. Manuel da da Corticeira. Coimbra com 50\$. Roupas do Porto, Cortegaça e Murtosa. Sapatos e bonés de Santo Tirso. Medica-

meses. Alcanena com 100\$00. Mais promessas cumpridas de 100\$, 30\$, 100\$, 250\$ e 150\$. Mais Aveiro com 100\$. E Soure com 100\$. Para os Pobres, 20\$. S. Pedro do Sul com 50\$. Idem de Esposende. Póvoa de Varzim com 82\$60, parte dum prémio saído no Totobola. Mais 1.000\$, em cheque, do Menino Pedro Alexandrino P. M., de Lisboa.

E parte de um aumento de ordenado 600\$. Ass. de Rio Tinto, aparece com 100\$ todos os meses. Mais Lisboa - 2, com os já conhecidos 20\$, só e silenciosos. Braga com 70\$ por duas vezes. E de E. D. M., também já conhecido pela assiduidade com que nos aparece, mais suas ofertas. Gaia com 30\$. Campo com 100\$00. Avó de Leiria com 50\$. «Uma Lamecense agradecida», com 25\$. Mais 20\$ de Coimbra. Moura com 50\$. Anónima com 90\$. Mais 2513\$60 num envelope vindo do Espelho da Mo-

ntreal-Canadá. Escolas de Mouquim — Famalição, à passagem pela nossa Aldeia, 100\$. Vila Mariano Machado com 800\$. Amiga da Obra, de Algés, cá vai como sempre. «Amargurada pelo dia 22», várias presenças de 50\$.

Ass. 33586 com 650\$, produto do primeiro aumento de ordenado. Mais Rio Tinto com 100\$. Duas irmãs muito amigas e muito pobres, repartem connosco das suas migalhas. Braga com 70\$. Da Invicta, 50\$. Lisboa com 50\$. Duas promessas de 150\$. Mais o cumprimento de outra promessa trouxe-nos 800\$00. Por uma intenção particular, 700\$00, de Lisboa. E 50\$, em acção de graças pelo Santo Padre se ter dignado visitar Portugal.

E pronto, bons amigos. Hoje ficamos por aqui. Bem hajjam.

Manuel Pinto

Era de manhã cedo. Eu tinha saído do meu lar pequeno, e fui trabalhar prá grande. Passei pela cozinha e vi ali muita balbúrdia: «Botelho», chefe maior, estava de roda do fogão, mais daqui e mais d'acolá, a espevitar o lume.

Perguntei o porquê do atraso do pequeno almoço, e a novidade chegou como banho frio: «O Jacinto é que era o cozinheiro do café esta semana, e fugiu!... Jacinto era muito pequenito quando veio para nós. Era do número dos muito atrasados — eu chamolhes atrofiados pelo ambiente dos pais — que vêm ter às nossas casas.

Há já 12 anos que no-lo vieram trazer e nunca mais foi procurado.

Noutro dia, veio o Prior dum freguesia vizinha, e perguntou-nos se «existia» em nossa casa este nosso Jacinto. Em má hora dissemos que sim, porque logo a família o procurou com intuito contrário ao nosso Ideal. Vieram os rodeios dum cunhado e depois do pai, e Jacinto resolveu fugir. Ele tem 16 anos, anda na fase que nós conhecemos em que tudo se idealiza se vê como ilusão.

Isto é já dogma da Juventude. Não dá fé da realidade dos factos, e deixam-se levar pela liberdade que julgam poder possuir. Depois vêm as «atrásrofes». Eu também assim fui, e hoje dou fé deste falsete.

Setuibal

Nós vemos isto como natural na idade, mas não suportamos o jugo da inconsciência da família que os procura, só quando eles têm um pouco de físico para serem explorados. Ora, nós não estamos aqui a criar gado pró matadouro. A preocupação da Obra da Rua é antes de mais formar homens e entregá-los à sociedade com um mínimo de qualidades com que possam fazer face à vida torturosa que a própria sociedade lhes proporciona com seus prazeres e atrofiamentos.

Aqui as nossas dores!... 16 anos! Se ele estivesse preparado prá vida, que nos importava a nós que ele fosse? Mas não. Nós vamos mais além do corpo. Nós, que os criamos, que bebemos das culpas que a sociedade lhes atribui quando os buscamos ou no-los vem entregar — às vezes entidades oficiais — vemos neles os nossos filhos, os filhos que mais ninguém ama senão nós. E não temos direitos perante a lei. «Ninguém» nos dá crédito neste juro que queremos e nos

esforçamos por dar à Nação. Vem o cunhado, vem o tio ou a tia ou a avó, e roubam-nos os «nossos» filhos. Nós não temos polícias nem queremos, somos a porta aberta. Nós não lhes tiramos a ideia da família! No nosso viver, procuramos mostrar-lhes o amor que cada um deve aos seus. O que queremos, isso sim, é que tu nos ajudes com LEI a termos força para que nós os levemos até eles poderem amar a sociedade, e não te saturarem no questionário dos tribunais ou na reincidência das prisões.

Como Pedagogia actual, a tese de Pai Américo: «É mais barato evitar crimes do que suportar criminosos».

Nós tomamos isto como base sólida do nosso viver e do nosso Ideal, e não encontramos melhor. Nós trabalhamos no humano e queremos o humano, mas com aspirações, mas com Ideal.

Quando procuramos reaver os que fogem, vamos pela força da paternidade, mas não temos direito perante a lei que não sabe nem vê que somos pais dos que os não têm ou não podem ter. Sentimo-nos estrangeiros em nossa Pátria!

Ernesto Pinto

OS NOSSOS LIVROS

O «Ovo de Colombo» continua na forja. Hoje é um dos dias em que está mais gente ocupada na sua ultimação: meia dúzia de rapazes na dobragem. E eu fico muito contente. Mais contente pelo interesse, pela dedicação de um, entre eles — o Chico — que serve e muito bem de exemplo a seus irmãos mais novos.

Os senhores mai-las senhoras, claro, continuem a esperar com paciência. Um dia baterá à vossa porta o carteiro com o «Ovo» na mão. E, então, descobrireis como nasceu uma Obra que fez luz a muitos olhos vendidos — al-

guns, até, com muita responsabilidade...

Vamos mas é catar uns excerto-zinhos de várias cartas em um monte delas que temos à nossa frente. São o resultado ou o apetite criado pelo livros de Pai Américo, sem excepção. Em todos há um só Rumo, um só Pensamento e Acção: Deus e os Irmãos — o primeiro Mandamento...

Abre um «Trabalhador rural», de Bruscos:

«Junto envio a importância de 30\$00 para a ajuda do pa-

Continua na QUARTA pág.



PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

Amigos leitores, mais uma vez a voz de Benguela se encontra no meio dos vossos corações:

A venda do Gaiato... Graças a Deus a venda do nosso Famoso tem corrido bem. O ter corrido bem, não quer dizer só, de se ter vendido os jornais todos! Não, aquele à-vontade com, que os Senhores o compram e o carinho com que tratam os nossos vendedores... Tudo isto contribui para que fiquemos alegres. De vez em quando, quando vou levar os nossos vendedores a Benguela, e, também ao Lobito, como estão sempre a passar carros em sentido contrário, os vendedores vão olhando para quem vai dentro dos automóveis. De quando em quando grita um: «Olha esse é um freguês e dá-me 10\$00 pelo jornal». Mais adiante: «Olha esse que passou agora por nós é um freguês e dá-me 15\$00 pelo Gaiato». É claro que isto é uma alegria para eles, e é também uma alegria para os senhores, porque é prova real que são conhecidos pelos nossos vendedores.

Um pedido... Temos cá alguém em casa que necessita de uma bicicleta a pedal. Não será possível resolver-se este problema? Quase que não me apetecia dizer para quem ela é, mas tenho que dizer: é para o Sr. Padre Manuel António. «Ele já tem um pouco de gordura a mais. Bem, ele não tem culpa disso! Quem tem culpa são as bananas! No entanto cá esperamos as vossas respostas. Se for preciso uma campanha também se faz, não custa nada; basta os Senhores darem 5\$00, 10\$00, 20\$00, e dizerem que é para a campanha da bicicleta. Sem mais nada muito respeitosamente me despeço.

António Augusto

SETÚBAL

VIDROS — Eu refilo e torno a refilar com todos e com os chefes, que assim não pode ser. Cada vez que vou colocar vidros, vem a factura dos Pachecos a dizer quanto devemos.

Eu refilo mas... 140 rapazes, e com tanta «batatada», é da gente quebrar e dizer-te que ajude a refilar, e que faça como fez outro dia aquela senhora que se propôs pagar todos os vidros partidos da nossa Casa.

BONANZA — Se já alguma vez vistes na T. V. os filmes, aqui tens o real duma personagem. Ele anda na 4.ª classe. Lidava com os bois. Agora, é vê-lo na estrumeira a carregar o tractor, que ele mesmo conduz prás terras. Quando o rapaz dá conta do seu valor, temos o homem.

PINTÁINHOS — Era sábado. A balbúrdia dos banhos nas camaratas foi diminuída por uma parte que se dirigia prós galinheiros e prá antiga carpintaria, onde fomos arrumar 1.400 pintos recém-nascidos que nos deram. Tudo gosta do sabor do que é pequenino; grandes e pequenos correram ao aviário e à carpintaria pra ver.

Laurindo, que tem a cara já bem pintada, foi dos que ocorreu:

«É pá, tirós com jeitinho».

Outros diziam: «Ena pá, são tão pequeninos!».

Se em vez deles fossem empregados a fazer o serviço, onde colheríamos nós estes pormenores do contacto com a Natureza?

No mesmo dia, Barreiros andava mascarado de roda das colmeias. Andava a tirar o mel. Eu não sei se o dito compensa a despesa que temos com a cera, nem nos tem preocupado isso, se são eles que tomam a iniciativa das coisas. Nós ficamos contentes e sabemos que isto rende e dá lucro. O sabor do mel!...

UMA VISITA — Eu não sei se oficial, se particular. Foi o Sr. Ministro do Interior que veio à nossa Casa, com o Sr. Governador Civil e Sr. Presidente da Câmara, nossos velhos amigos, e demais individualidades.

Nós não estamos habituados a estas visitas e recebemo-las à nossa maneira. Não queremos ramos nem pétalas. Gostamos que os que nos visitam sintam o nosso viver de família, que sorriam para os que estão e prós que vêm. Não queremos fantasias, e de palmas está o mundo cheio.

Foi à hora do jantar. O refeitório, estava cheio. Suas excelências passaram por ali e acharam muitos pratos e muitas bocas. Não sei se repararam no resto: no apetite de cada um...

Percorremos a nossa Casa. Os nossos rapazes mais velhos, os mais responsáveis, receberam e acompanharam os visitantes. E, um com este, outro com aquele, cada um mostrou o quê e o porquê da nossa Casa, ainda tão escondida dos olhos de tanta gente que precisa de amar para se amar a si próprio.

Se não fosse já tarde e uma visita apressada, nós havíamos de oferecer do nosso caldo às ilustres visitas, e elas gostariam de o provar, tão gostoso ele é, feito pelos nossos cozinheiros. Passámos pela padaria, e vimos o loiro pão que Zé Rebéca fabrica.

Eu disse ao Secretário do Senhor Ministro, que cá em casa comíamos quatro vezes ao dia daquele pão tão apetitoso.

Ele compreendeu e amou o nosso viver, como seu pai, que foi amigo de Pai Américo. Deu-me vontade de abraçar este Secretário do Ministro, por saber que seguia as pegadas do pai, apesar do que nós sabemos e vemos de atrofiamento na nossa juventude.

Nós queremos mais visitas destas. Queremos, porque precisamos que nos conheçais, e que conhecendo-nos, nos ameis. Queremos que saboreeis o nosso caldo como prova do sabor do nosso viver.

Nós somos feitores dum Senhor sem dinheiro, mas com fortuna para todos nós. O nosso tributo, são os rapazes que vistes. Eles, antes do lixo, são hoje senhores daquilo que é deles, e testemunho vivo dum Amor que gera amor. Se nós hoje temos amor para dar, é porque o recebemos.

Quem dera que cada Ministro, cada Secretário viesse até nós no intuito de levar algo para melhor governar. O Povo, tão faminto de Justiça e Verdade e sempre sedento delas!

Quem dera que o mundo acordasse e desse conta do Valor incomensurável que é o rapaz que tem direito às nossas Casas do Gaiato! Eles são uma riqueza para a Sociedade, assim esta saiba ver e reparar nos seus valores. Nós, mesmo no plano intelectual, temos deles no 5.º, no 6.º e no 7.º anos, que seriam zeros se não os fôssemos buscar onde estavam.

Ernesto Pinto

CALVÁRIO

Sem abertura... Monumentos que nos fazem recordar grandes feitos de antepassados. Ou construções aonde por

vezes vidas humanas são arriscadas para demonstrar a capacidade realizadora do homem, são motivos que levam muita gente às grandes cidades e vilas.

Para grande número isso não basta. Pois até pequenos nadas gostam de apreciar. Jardins com os seus canteiros mais ou menos graciosos de perneio com bom gosto. As ruas bem limpas. Embora hoje em dia já haja muita técnica nesses sectores, nem por isso deixa de haver sacrifícios da mais variada ordem naqueles que nesses misteres se ocupam para ganhar o pão de cada dia.

O nosso «Calvário» é bonito. E não serão as construções que nele se encontram, embora também concorram para tal, que fazem saltar ohs! de admiração. Não! O que se depara de modo mais palpável aos que nos querem visitar é a forma como tudo está. Poderíamos citar muitos aspectos. Mas apenas quero frisar hoje este: a limpeza. Não faço publicidade nenhuma dizendo algo sobre isto. Pois muitos dos que me lerem serão os próprios a reconhecer que as minhas palavras ficam aquém do que na realidade isto é. Tanto é que não poucos ficam positivamente boquiabertos se lhe respondemos à pergunta que nos fazem: «Quem trata destes canteiros e arruamentos?» Se dissermos que são paráliticos ou pouco menos! Pois assim é de facto. Elementos que a própria sociedade varre por serem aos olhos do mundo inúteis, para não dizer mais termos que ousam pronunciar para estes que nem por isso deixam de ser irmãos dos seus!!

Dão lições e demonstram nestes pequenos trabalhos, consoante a capacidade de cada um, que o mundo está enganado.

Uns arrancam ervas dos pavimentos, outros varrem os ditos. E temos um antigo carpinteiro que tem certa habilidade em cortar a relva e as sebes que por aqui abundam. Mas... há dias encontrei-o desanimado... Qual o motivo? «É esta máquina de cortar a relva que já não dá nada! E eu não tenho forças para andar a cortar com a tesoura!» Leste? Portanto, se acreditadas que neste desabafo há boa vontade... dá as tuas ordens!

Manuel Simões

As minhas férias

Há 15 anos atrás «O Gaiato» relatava pela mão de Pai Américo, a entrada em Paço de Sousa de um órfão que, com mais 5 irmãos e sua mãe, demandava a Casa do do Gaiato, a conselho do Pároco de Anta, Espinho. Daí até agora os anos sucederam-se em ritmo endiabrado, e eis que aquele órfão, hoje já lançado na vida e com família constituída, regressa ao Eden, ao seu Eden de salvação, para gozo de breves férias.

É sempre bom voltar aos lugares onde fomos adquirindo formação e educação que são o fundamento da nossa vida futura.

Foram estes dias, no contacto directo com a «massa» de que é composta a nossa Casa do Gaiato e já fora dela, que me deram maior consciência do método pedagógico empregado na reabilitação, para o mundo, da «dama» que o mundo vive.

Quem vive dentro destes muros, assim como eu vivi, não se chega a aperceber bem da transformação de cada um. A reabilitação, muito embora moral — e até física — também é espiritual. Estas férias,

se bem que para descanso dos meus afazeres profissionais, são, também, um estudo daquilo que tantas vezes via e não sentia, muito menos compreendia o seu significado. Foi assim que muito surpreendida, a minha mulher, que sempre me acompanhou, perguntava em uma noite, porque não fechavam as portas das casas.

Ruas que pisei tantas vezes em busca do meu ideal, são agora pisadas com mais gosto por ter atingido a meta. Meta duma primeira etapa, pois que a volta neste mundo é constituída por várias etapas.

A formosura da nossa Aldeia, pouco ou nada me proporciona dizer; tantos seres têm vindo até este Santuário para levar na ideia que a Casa do Gaiato é um lugar paradisíaco. Confirmam esta ideia as constantes excursões que, dia após dia, procuram a nossa Casa.

Devo a Deus esta oportunidade que me proporcionou, pela boca do Sr. Padre Carlos, ao convidar-me, e a minha mulher, para descansarmos em nossa Aldeia estes dias que foram um bálsamo para o nosso corpo e o nosso espírito.

Alberto Ramada

Paço de Sousa

Um dia grande se aproxima, 16 de Julho; grande, porque é de viver e ser vivido interiormente.

Pai Américo que partiu deste mundo, vão lá 11 anos, e continua presente em toda a sua Obra, em todos os seus filhos, do Céu acompanha e guia todos os seus passos.

Por isso chamo dia grande, dia de festa, dia de acção de graças, por tudo o que benéficamente a nossa Obra tem conseguido realizar.

VISITAS — No passado dia 2, estiveram connosco os «Eternos amigos de Pai Américo», de Viana do Castelo.

Na sua IX Romagem a esta Casa, mais uma vez provaram quanto admiram e estimam a nossa Obra. Agradecemos.

FUTEBOL — Falei, aqui, numa das últimas crónicas, na actividade futebolística, e citava que eram de contar pelos dedos as derrotas sofridas. Mas, de brincadeira, perguntei ao nosso treinador, ou seja o Carlitos, que me respondeu: «A culpa não é por falta de elementos mas a falta de bolas é constante». Então aproveito para fazer um convite aos nossos Amigos mais interessados no desporto - rei: podem ter a bondade de nos ajudar na resolução deste problema? Ficamos muito gratos.

UM ANIVERSÁRIO — Já aqui tinha falado que a filhinha do casal Serafim e Maria José fez um ano.

E dizia que ela se encontra linda e sorridente. Pois agora terão oportunidade de verificar. Olhem só para a «pose» que publicamos mais adiante!

NA NOSSA QUINTA — É de facto surpreendente o progresso em certas zonas, principalmente no que toca a frutas.

Até causa surpresa como a colheita tem sido tão abundante, especialmente em ameixas e pêsegos. A Sra. D. Sofia também se admira por haver tanta e serem tão poucas as «barrigadas»!...

Bem, sinal de moderação da parte da malta; «come mas não abuses», lá diz o ditado.

VERÃO — Esta época desperta o desejo de banhos e, como em nossa Casa as zonas refrescadoras são os nossos tanques e o rio Sousa, qualquer destas serve. Porém, a malta encontra-se mal servida de calções. Por isso, lembraram que solicitasse deles aos leitores. Se algum tiver um calção disponível, ficamos desde já muito gratos.

José Ferreira



A FILHA DO SERAFIM

BELÉM

AS CEREJAS — Este ano, na nossa quinta, tivemos muitas cerejas. Já apanhámos algumas e até já fizemos doce dumas cerejas escuras.

De vez em quando também se levam algumas a vender para ganharmos dinheiro, visto que precisamos muito.

A rapaziada de Vildemoínhos tem-nos vindo a elas e estragam-nos tudo, levando os ramos de rastos. Não há direito! Ainda se não estragassem as árvores... Qualquer dia pagam dois ou três por todos!

Nós gostamos muito de cerejas e comemos muitas, à merenda.

Lindita



Cont. da SEGUNDA página

gamento dos dois livros que tiveram a amabilidade de mandar e que eu estou a ler com tanto gosto.

Sei que é muito pouco, mas para já não me é possível mandar mais.

Sou um trabalhador rural, com ordenado pequeno e incerto.

Este Homem dá uma grande lição a muitos senhores e senhoras das élites...

Mais uma carta de Ferreira do Alentejo. Cheira a trigo e a planuras sem fim. Que lindo o meu Alentejo! Que terras portentosas! Assim o descubram, verdadeiramente, todos os responsáveis. Ei-la:

«Só hoje vão os 60\$00 dos três volumes «Pão dos Pobres». Tiro-os ao meu egoísmo, para que, lá à Eternidade não chegue de mãos vazias.

A sua doutrina transcende tudo o que há de mais sublime. Enquanto uns nadam em abundância, os outros debatem-se com faltas e com privações».

Agora, é da Marinha Grande, a terra do vidro:

«Estou-lhes muito agradecido pelos livros com a doutrina do Pai Américo que tiveram a gentileza de enviar-me: cá

Os nossos livros

vou saboreando como posso e aqui estou a mandar-lhes com escudos que de momento posso dispôr; quando puder mandarei outra prestação, e que Deus nos ajude a prosseguir e ampliar a vossa Obra».

Atenção à Parede:

«Quanto aos 70\$00 que vão a mais, isso é outra história. No ano passado, pedi para me mandarem os livros do Pai Américo, um por mês. Vocês com uma grande confiança em mim, mandaram-me os livros todos acompanhados por um bilhete que para mim valeu tanto como os livros e no qual diziam: «Paga quando, quanto, como e se puder...» — Isto só se vê na Obra da Rua.

Já podia ter mandado qualquer importância por conta da minha dívida. Mas, umas vezes podia e esquecia-me, outras vezes não podia e lembrava-me, mas agora vai uma migalhinha por conta.

Estou desculpado? Quando editarem mais livros agradeço que contem com este caloteiro».

Ó delicadeza e amizade!

Finalmente, damos um salto ao Cavaco. É uma leitora de Benguela:

«Em virtude de se me ter extraviado o jornal, aonde continha o postal-aviso, eis a razão por que tenho tardado em lhes fazer o meu pedido. O que resolvi então fazer por carta.

Não me sendo possível, de momento, juntar qualquer quantia para pagamento dos livros, agradeço-vos imenso, que assim que possam, me envieis o 1.º volume do «Pão dos Pobres» e o «Obra da Rua», o que com a ajuda de Deus vos satisfarei em breve.

Ao ler os testemunhos dos leitores também estou ansiosa por chegar esse dia, em que eu os poderei saborear também».

Pois que outros, como esta senhora, venham por aí fora até nós, sequibos de livros de Pai Américo. Lembramos os esquecidos que ainda temos os três volumes do «Pão dos Pobres» mai-lo «Obra da Rua». E chegam ainda para muita gente, apesar de termos expedido já uns milhares!

Júlio Mendes



COMEÇARAM OS ENSAIOS, ENTRE A COMUNIDADE DE BENCUELA...!

AREIAS do Cavaco

Cont. da PRIMEIRA página

Chegaram-nos às mãos todas as facturas do nosso pão já liquidadas. Já agradecemos ao Autor de todo o bem. De todos

os lados nos chegam provas de muito carinho e de como são vividos em comum os nossos problemas.

Esta Mãe de Benguela vive-os assim:

Demasiado humilde é a minha voz
Para enaltecer a grande «OBRA DA RUA»,
Que pode ser minha e também tua,
Se abraçada for por todos nós.
Bondoso Pai Américo a fundou
Pelo amor divino inspirado.
Este legado precioso nos deixou
E, por nós agora, deve ser perpetuado!
De Paço de Sousa se veio a espalhar
Aquela primeira «Aldeia dos Rapazes»
Que, aos seus gaiatos bem soube formar,
Tornando-os homens briosos e capazes.
Baluarte da fraternidade espiritual,
Alguém até nós o fez chegar;
De além oceano veio e, afinal,
Nas areias do Cavaco foi ficar.
O «pai», aqui, é Padre Manuel
Que pelo seu ar sereno eu aprecio.
Sustenta uma luta sem quartel,
Para a tudo prover com denodo e brio.
Ali, na Granja, faz-se o bem
Menos por assistência e mais por Amor!
Benguelenses amigos, vamos nós, também,
Dar-lhe nosso interesse, para glória do Senhor!
Um Lar maior se faz mister,
Para todos os gaiatos abrigar;
A Casa grande será uma realidade
Se nenhum de nós deixar esquecer
Que, onde reina a fraternidade,
Nada há que se não possa vencer!
Isto me faz lembrar um ditado haver
Que ao meu mestre muitas vezes ouvi já:
Fica mais «rico» o rico quando dá
E menos pobre, o Pobre ao receber...

Filhos ilegítimos?

Cont. da PRIMEIRA página

que cai — quem recusa ao marido e à família legítima o reconhecimento de ofendidos?!; quem se atreve a negar a quebra da unidade e intimidade que aquela falta consumou?!

Se é o pai — das duas, uma: ou foi antes do matrimónio que ele gerou ilegítimamente — e nesse caso o filho, que nenhuma responsabilidade tem na geração ilegítima, tem os direitos de todo o ser gerado em relação ao progenitor e tem-nos até com anterioridade cronológica à dos seus irmãos que vierem a ser gerados na legitimidade; ou foi durante a vigência do matrimónio — e, então, haja ou não haja geração, repito, a unidade e intimidade familiar já foram feridas pela infidelidade conjugal; e por justiça para com o inocente que porventura nascer, a ferida abrir-se-ia até ao reconhecimento dos seus direitos; e acrescento que

este rasgar um pouco mais da ferida seria certamente um meio para mais completamente a sarar, ou compensar, porquanto não vejo que um acto de justiça seja infecioso, antes cicatrizante.

Mais uma vez o legislador fala (e neste ponto já não pode dizer com completa verdade que em concreto...) no «conteúdo negativo em geral característico da filiação ilegítima». Ora:

1.º — Tal conteúdo é «característico em geral», e eu digo ao autor da afirmação que, se descesse à vida, talvez visse que, se o em geral é, teóricamente, são numerosíssimos os casos em que o conteúdo não é negativo, ou não é tanto como o legislador pensa, e menos seria se a lei encarasse as realidades de uma perspectiva mais verdadeira, mais realista, que, tanta vez, é diametralmente oposta ao ponto de onde vê;

2.º — O conteúdo supõe o continente. Será que a garrafa que conteve vinho precioso, se torna

ela mesma negativa porque a encheram de água choca?; ou é a água choca que é coisa má?

Mesmo que a filiação ilegítima seja caracterizada por um conteúdo negativo, o continente (o filho) é indiferente ao que o fazem conter e é bom desde que tão somente seja capaz daquilo que lhe compete: conter.

Se na garrafeira do vinho escolhido, fomos encontrar uma garrafa de água choca — é a esta que acusamos?; ou a quem a lá pôs? E se, porventura, numa atitude de fastio a atiramos fora, não teremos de reconhecer o primarismo da nossa reacção, ao comprometermos na répulsa do conteúdo negativo a validade do continente, que desprezamos ou desconsideramos?!

Filiação é um substantivo abstracto, tal como paternidade.

Filho é uma substância viva, nascida para uma filiação mais alta, a divina, seja qual for a qualidade do seu nascimento natural — e a quem Deus não recusa o Seu nome de Pai, ainda que ilegítimo segundo a lei dos homens.

Donde, então, vem a esta o direito de arrogar-se à consideração do abstracto, mesmo quando o pretende pensar numa instituição concreta, sem distinguir suficientemente as figuras jurídicas da pessoa humana para cujo serviço a lei tem razão de ser?!



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Visado pela Comissão de Censura